

Trabalhador coletivo no Livro I de *O Capital* *

[Crítica Marxista (São Paulo), v. 32, p. 85-106, 2011]

Sergio Lessa – Professor do Departamento de Filosofia da Ufal e membro da editoria da revista Crítica Marxista

Resumo: No Livro I de *O Capital*, a existência do proletariado, uma classe distinta dos demais assalariados pelo lugar específico que ocupa na estrutura produtiva (transformar a natureza nos meios de produção e de subsistência), muitas vezes é questionada com base no assim chamado "trabalhador coletivo". Marx, com o "trabalhador coletivo", dizem, teria fundido, em uma mesma classe (os "trabalhadores") todos os que são forçados a vender sua força de trabalho. Portanto, todos os assalariados fariam parte de uma mesma e única classe. O artigo argumenta esta concepção de trabalhador coletivo não existe no texto do Livro I e que é o resultado das necessidades políticas e ideológicas tanto do stalinismo quanto da socialdemocracia.

Abstract: In Book I of Marx's *Capital*, with the help of the "collective labourer", often is put under question the existence of the proletariat, a social class distinct from the many wage earners by its specific social function: to transform nature in the means of production and subsistence. Marx, with the concept of "collective labourer" would have put under the same and only class (the labourers or workers) the totality of the wage earners. This article argues that this concept of "collective labourer" does not exist in Book I and it is the result of the political and ideological necessities both of Stalinism and Social-democracy.

Palavra-chave: proletariado, trabalhador coletivo, Marx, classes sociais.

Keywords: Proletariat, collective labourer, Marx, social classes

* (Publicado na Revista Crítica Marxista, n.32, 2011) Este texto serviu de base para a comunicação sob título semelhante, no VI Colóquio Marx e Engels, CEMARX/Unicamp, 2009. Fazia parte de *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo* (LESSA, 2007). Necessidades editoriais, todavia, obrigaram à redução e a retirada de várias passagens. Uma delas é a análise das passagens do livro I em que comparecem as expressões *Gesamtarbeit/er/stag* que foi substituída pela curta menção, à página 172, de uma citação de Marx na qual o *Gesamtarbeiter* é identificado à classe trabalhadora (*Arbeiterklasse*). Sob a forma de um artigo, está é a oportunidade de fornecermos ao leitor interessado o conteúdo não publicado. Nossos agradecimentos ao Armando Boito pelas sugestões e correções.

Ao redor da interpretação da expressão "trabalhador coletivo" no volume I de *O Capital* se constituiu um falsa questão que, para sermos breves, é a porta de entrada da maior parte das tradições políticas que procuram encontrar, em Marx, um argumento de autoridade para revogar o caráter proletário da sua própria proposta revolucionária¹. De um lado, temos posições que se aproximam da de David Harvey, quem, em um guia de leitura para *O Capital* de Marx recém-publicado, afirma que:

A dificuldade deste conceito é definir onde começa e termina o trabalhador coletivo. (...) É difícil de se alcançar uma definição exata, não parece haver uma solução exata – daqui a controvérsia. (HARVEY, 2010, P.237-8)

Opiniões próximas a de Harvey – ou seja, o trabalhador coletivo seria algo impreciso e obscuro em *O Capital*, parecem-me mais generalizadas oralmente do que por escrito e são muito frequentes.

Outros pesquisadores, como João Bernardo (1977) e Nagel (1979), para pegar representantes de tradições inteiramente distintas, contudo, postulam uma interpretação exatamente inversa: o "trabalhador coletivo" teria um conteúdo preciso, exato. Expressaria a fusão, em uma mesma classe social (em geral, a dos "trabalhadores") dos trabalhadores intelectuais com os manuais (e, por vezes, também dos trabalhadores produtivos com os improdutivos). Tais pesquisadores se baseiam pesadamente (por vezes, exclusivamente) em poucas frases tiradas do contexto do segundo parágrafo do capítulo 14 (ou do equivalente da primeira edição francesa, a traduzida por Roy) de *O Capital*.

Ainda que ao preço de repetirmos *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*, devemos lembrar que a tese de que os trabalhadores intelectuais e manuais fariam parte da mesma classe social é liminarmente desautorizada pela letra do texto do volume I de *O Capital*. Um único exemplo de outros possíveis:

O que os trabalhadores parciais perdem, concentra-se no capital com que se confrontam. É um produto da divisão manufatureira do trabalho opor-lhes as forças intelectuais do processo material de produção como propriedade alheia (als fremdes Eigentum) e poder que os domina. Esse processo de dissociação começa na cooperação simples, em que o capitalista representa em face dos trabalhadores individuais a unidade e a vontade do corpo social de trabalho. O processo desenvolve-se na manufatura, que mutila o trabalhador, convertendo-o em trabalhador parcial.

¹ Não é cabível substituir a realidade por um texto, mesmo que seja a obra prima de Marx. O que será nosso objeto neste artigo é o pensamento de Marx enquanto tal – se ele é ou não útil para a crítica revolucionária do mundo em que vivemos, é uma outra questão. Estamos convencidos (não no sentido da fé, mas no sentido da convicção profunda que advém do exame dos impasses que vivemos enquanto humanidade) de que as categorias marxianas são não apenas imprescindíveis, mas também suficientes, para pensarmos a essência do mundo contemporâneo. Todavia, este segundo aspecto não será tratado neste artigo. O leitor poderá encontrar esta discussão na Parte III de *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo* (LESSA, 2007).

Ele se completa na grande indústria, **que separa do trabalho a ciência como potência autônoma de produção e a força a servir ao capital**. [Nota de Marx: "O homem do saber e o trabalhador produtivo estão amplamente separados um do outro, e a ciência, em vez de nas mãos do trabalhador aumentar suas próprias forças produtivas para ele mesmo, colocou-se contra ele em quase toda parte. (...) O conhecimento torna-se um instrumento capaz de ser separado do trabalho e oposto a ele." (THOMPSON, W. *An Inquiry into the Principles of the Distribution of Wealth*. Londres, 1824. p. 274.)] Na manufatura, o enriquecimento do **trabalhador coletivo** (*Gesamtarbeiter*) e, portanto, do capital em força produtiva social é condicionado pelo empobrecimento do trabalhador em forças produtivas individuais. (MARX, 1983, p.283-4 – todos os negritos nas citações são nossos - SL)

Sem a oposição das "forças intelectuais" como "propriedade alheia e poder que /.../ domina" os operários, sem que a ciência seja separada do trabalho e a ele oposta como "potência autônoma de produção e a força a servir ao capital", sem que a "ciência" coloque-se "contra o trabalhador" "em quase toda a parte", não é possível a gênese e o desenvolvimento do trabalhador coletivo (*Gesamtarbeiter*). Por isso, o "o enriquecimento do trabalhador coletivo e, portanto, do capital em força produtiva social é condicionado pelo empobrecimento do trabalhador em forças produtivas individuais".

De longe, a passagem mais importante do Livro I para o nosso tema, e a que tem sido com maior frequência citada é o segundo parágrafo do Capítulo XIV (para as edições e traduções que seguem a quarta edição alemã) ou os três primeiros parágrafos do Capítulo XVI para as edições que seguem a tradução para o francês de Roy (como a de Rubel). Na 4a edição alemã, lemos:

Na medida em que o processo de trabalho é puramente individual, o mesmo trabalhador reúne todas as funções que mais tarde se separam. Na apropriação individual de objetos naturais para seus fins de vida, ele controla a si mesmo. **Mais tarde ele será controlado**. O homem isolado não pode atuar sobre a Natureza sem a atuação de seus próprios músculos, sob o controle de seu próprio cérebro. Como no sistema natural cabeça e mão estão interligados, o processo de trabalho une o trabalho intelectual com o trabalho manual. **Mais tarde separam-se até se oporem como inimigos. O produto transforma-se, sobretudo, do produto direto do produtor individual em social, em produto comum de um trabalhador coletivo, isto é, de um pessoal combinado de trabalho, cujos membros se encontram mais perto ou mais longe da manipulação do objeto de trabalho**. Com o caráter cooperativo do próprio processo de trabalho amplia-se (*erweiter sich*), portanto, necessariamente o conceito de trabalho produtivo e de seu portador, do trabalhador produtivo. **Para trabalhar produtivamente, já não é necessário, agora, pôr pessoalmente a mão na obra; basta ser órgão do trabalhador coletivo, executando qualquer uma de suas subfunções. A determinação original, acima², de trabalho produtivo, derivada da própria natureza da produção material, permanece sempre verdadeira para o trabalhador coletivo, considerado como totalidade (*als Gesamtheit*)**. Mas ela já não é válida para cada um de seus membros, tomados isoladamente". (MARX, 1985, p.105)

² Este "acima" é uma referência ao parágrafo anterior o qual, por sua vez, explicitamente remete ao Capítulo V. Neste o trabalho é definido como o intercâmbio material com a natureza, "eterna necessidade" da reprodução social. (MARX, 1983, pp. 149-53)

Muito brevemente, a operação teórica típica envolvida na conversão de "trabalhador coletivo" em uma mesma classe que conteria os trabalhadores manuais e intelectuais é a seguinte:

1) esquece-se que a frase "O produto transforma-se (...) em produto comum de um trabalhador coletivo, isto é, de um pessoal combinado de trabalho, cujos membros se encontram mais perto ou mais longe da manipulação do objeto de trabalho" é *imediatamente* precedida pela afirmação da contraposição "como inimigos" do trabalho intelectual e do manual.

2) esquece-se que a frase "Para trabalhar produtivamente, já não é necessário, agora, pôr pessoalmente a mão na obra; basta ser órgão do trabalhador coletivo, executando qualquer uma de suas subfunções" é *imediatamente* seguida pela afirmação:

"A determinação original, acima³, de trabalho produtivo, derivada da própria natureza da produção material, permanece sempre verdadeira para o trabalhador coletivo, considerado como totalidade (*als Gesamtheit*). Mas ela já não é válida para cada um de seus membros, tomados isoladamente."

Isto feito, a expressão *Gesamtarbeiter*, traduzida por "trabalhador coletivo", por essa operação se converte em uma "categoria": uma classe social que substituirá o proletariado como a classe revolucionária por excelência.

Este segundo parágrafo do Capítulo XIV – mesmo isolado da totalidade do Livro I – não permite esquecer-se que há uma oposição de classe entre o trabalho intelectual e o manual (que, agora, "será controlado" pelo primeiro), que esta oposição é antagônica ("inimigos" ou "inimigos mortais", se preferirmos a versão de Engels) e, ainda, que a totalidade do trabalhador coletivo a que Marx se refere nesta passagem cumpre a função social de transformar a natureza – o que significa trabalho manual pela "própria natureza da produção material"⁴.

Marx, com a expressão "mais perto ou mais longe do objeto de trabalho" e com a menção às "subfunções" do trabalhador coletivo se refere à crescente divisão do trabalho imposto pelo capital até

³ Este "acima" é uma referência ao parágrafo anterior o qual, por sua vez, explicitamente remete ao Capítulo V. Neste, o trabalho é definido como o intercâmbio material com a natureza, "eterna necessidade" da reprodução social. (MARX, 1983, pp. 149-53)

⁴ "(...) como o homem precisa de um pulmão para respirar, ele precisa de uma 'criação da mão humana' para consumir produtivamente forças da natureza". (MARX, 1985, p. 17) O argumento de que na primeira tradução francesa – supervisionada por Marx – a de Roy, a oposição "como inimigos" entre o trabalho manual e o intelectual não é mencionada não exime os autores que se baseiam apenas nela da desconsideração da outra passagem em que Marx afirma a oposição de classe entre o trabalho intelectual e manual, que transcrevemos mais acima. (MARX, 1983, p. 282-3)

ao ponto em que uma série de auxiliares e ajudantes (mulheres e crianças, sempre trabalhadores não especializados) compareçam no processo produtivo sem que, com suas mãos, transformem a natureza. São estes os trabalhadores que estão "mais longe" do "objeto de trabalho" – e não os trabalhadores intelectuais. Estes são os "inimigos" de classe daqueles que, enquanto "totalidade", "manipulam" a natureza.

Estamos argumentando que, em se tratando destes dois parágrafos do Capítulo XIV, converter o trabalhador coletivo em uma classe de todos os assalariados é uma interpretação grosseiramente primária em seu equívoco (desconsiderar as frases que veem *imediatamente* antes ou depois das frases tão citadas). Tão grosseiro e tão primário é este equívoco, que ele não pode nem deve ser tomado como um puro erro de interpretação, como problema decorrente das diversas traduções ou, ainda por um equívoco puramente teórico – ainda que estes elementos possam se fazer aqui ou ali presentes. Tal equívoco têm raízes fora do texto, no predomínio da socialdemocracia e do stalinismo no movimento revolucionário mundial.

Vejamos as outras passagens nas quais *Gesamtarbeit/er/stag* aparecem no Livro I para podermos analisar esta questão com mais elementos.

As acepções de *Gesamtarbeit*, *Gesamtarbeiter* e *Gesamtarbeiterstag*

A expressão trabalhador coletivo comparece em quase, mas não em todas⁵, as traduções do Livro I de *O capital*. Sempre que aparece, é como tradução de *Gesamtarbeiter* (ou como parte de expressões como *Gesamtarbeit*, ou *Gesamtarbeitstag*).

Todavia, *Gesamtarbeit*, *Gesamtarbeiter* ou *Gesamtarbeitstag* nem sempre são traduzidos por trabalhador coletivo (ou derivados). Não raramente são traduzidos por "trabalhador global", "trabalho social total", "jornada total de trabalho", "trabalho total", "tempo de trabalho social total", "jornada

⁵ Por exemplo, não comparece na tradução de Rocés para a Fondo de Cultura Economico nem na publicada pela Avante! (Portugal). Para este artigo, utilizamos as seguintes edições de *O Capital*: para o alemão, Dietz Verlag (MARX, 1975), para o português, Abril Cultural (MARX, 1983 e 1985), para o espanhol a edição de Rocés (MARX, 1946), para o francês a tradução de Molitor (MARX, 1946), de Rubel (MARX, 1968) e a de Roy (MARX, 1977 e 1978) e a única da 4a. Edição alemã, a de Lefebvre (MARX, 1983a). Para a língua inglesa, a nova tradução de Fowles (MARX, 1990) e a editada por Engels (MARX, 1979). Ao final do artigo está uma tabela com as passagens na edição alemã e nestas traduções em que comparecem *Gesamtarbeit/er/stag*..

global", "trabalhador global", etc.⁶ E os tradutores, Marx e Engels inclusive, foram forçados a traduções distintas porque o conteúdo da expressão *Gesamtarbeit* (e seus derivados) não é a mesma nas diferentes passagens. Portanto, os vários conteúdos que recebe esta mesma expressão em alemão comparecem nas traduções sob expressões diversificadas. Este fato pode sugerir uma diversidade de "categorias" que não corresponde ao original.

No Livro I de O capital, *Gesamtarbeit*, *Gesamtarbeiter* ou *Gesamtarbeitstag* comparecem em dois contextos:

1) Em alguns momentos, são a consubstanciação da profundamente alienada divisão social do trabalho que amadureceu com a Revolução Industrial (MARX, 1983, pp. 260-1, 269, 272-3, 273,275-6, 276, 282-3; MARX,1985, p. 30-1, 71). Assim, por exemplo,

"Embora muitos executem simultânea e conjuntamente o mesmo ou algo semelhante, o trabalho individual de cada um pode ainda assim representar, como parte do **trabalho global** (*Gesamtarbeiter*), diferentes fases do próprio processo de trabalho, as quais o objeto de trabalho percorre mais rapidamente em virtude da cooperação. Assim, por exemplo, quando pedreiros formam uma fila de mãos para levar tijolos do pé ao alto do andaime, cada um deles faz o mesmo, mas não obstante as operações individuais formam partes contínuas de uma operação global, fases específicas, que cada tijolo tem de percorrer no processo de trabalho, e pelas quais, digamos, as 24 mãos do **trabalhador coletivo** (*Gesamtarbeiter*) o transportam mais rapidamente do que as 2 mãos de cada trabalhador individual que subisse e descesse o andaime." (MARX,1983, p.260 – em todas as citações, os negritos são sempre nossos - SL)

Ou, então,

Descendo agora aos pormenores, é desde logo claro que um trabalhador, o qual executa a sua vida inteira uma única operação simples, transforma todo o seu corpo em órgão automático unilateral dessa operação e portanto necessita para ela menos tempo que o artífice, que executa alternadamente toda uma série de operações. O **trabalhador coletivo combinado** (*kombinierte Gesamtarbeiter*), que constitui o mecanismo vivo da manufatura, compõe-se porém apenas de tais trabalhadores parciais unilaterais.(MARX, 1983, p.269)

E

A maquinaria específica do período manufatureiro permanece o próprio **trabalhador coletivo, combinação de muitos trabalhadores parciais** (*vielen teilarbeiten kombinierte Gesamtarbeiter*). As diferentes operações que são executadas alternadamente pelo produtor de uma mercadoria e que se entrelaçam no conjunto de seu processo de trabalho apresentam-lhe exigências diferentes. Numa ele tem de desenvolver mais força, em outra mais habilidade, numa terceira mais atenção mental etc., e o mesmo indivíduo não possui essas qualidades no mesmo grau. Depois da separação, autonomização e isolamento das diferentes operações, os trabalhadores são separados, classificados e agrupados segundo suas qualidades dominantes. Se suas peculiaridades naturais formam a base sobre a qual se monta a divisão do trabalho, a manufatura desenvolve, uma vez

⁶ Sobre as dificuldades da tradução de *Gesamt*, LESSA, 2007, p.149 nota 8.

introduzida, forças de trabalho que por natureza só são aptas para funções específicas unilaterais. O **trabalhador coletivo** (*Gesamtarbeiter*) possui agora todas as propriedades produtivas no mesmo grau de virtuosidade e ao mesmo tempo as despende da maneira mais econômica, empregando todos os seus órgãos, individualizadas em trabalhadores ou grupos de trabalhadores determinados, exclusivamente para suas funções específicas. A unilateralidade e mesmo imperfeição do trabalhador parcial tornam-se sua perfeição como membro do **trabalhador coletivo** (*Gesamtarbeiter*) O hábito de exercer uma função unilateral transforma-o em seu órgão natural e de atuação segura, enquanto a conexão do mecanismo global o obriga a operar com regularidade de um componente de máquina. (MARX,1983, p.275-6)

2) Outras vezes (MARX, 1983, pp. 71,73, 96, 190, 249, 250, 258; Marx, 1985, pp. 118,130) tais expressões se referem à totalidade da força de trabalho assalariado, ao conjunto total dos assalariados e, neste caso, são traduzidas por "trabalho social total", "trabalho total", "tempo de trabalho social total", "trabalhador coletivo ou classe trabalhadora", "jornada de trabalho total", "jornada de trabalho social média", "jornada global" e "jornada de trabalho global". Por exemplo, ao final do Capítulo I, discutindo o fetichismo da mercadoria, Marx afirma que:

Objetos de uso se tornam mercadorias apenas por serem produtos de trabalho privados, exercidos independentemente um dos outros. O complexo desses trabalhos privados forma o **trabalho social total**. (*gesellschaftliche Gesamtarbeit*) (...) Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do **trabalho social total** (*gesellschaftlichen Gesamtarbeit*) por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores. (MARX,1983, p.71).

Ou, mais à frente:

Como quer que seja, é claro que a jornada total de trabalho de um número relativamente grande de trabalhadores simultaneamente empregados, dividido pelo número de trabalhadores, é em si e para si uma **jornada de trabalho social média** (*Gesamtarbeitstag*). Suponhamos que a jornada de um trabalhador individual seja de 12 horas. Assim, uma jornada de trabalho de 12 trabalhadores simultaneamente ocupados constitui então uma **jornada global** (*Gesamtarbeitstag*) de 144 horas, e embora o trabalho de cada um dessa dúzia se desvie mais ou menos do trabalho social médio, o indivíduo podendo por isso precisar de mais ou menos tempo para a mesma operação, a jornada de trabalho de cada indivíduo, como 1/12 da **jornada global** (*Gesamtarbeitstag*) de 144 horas, possui a qualidade social média. Mas, para o capitalista que emprega 1 dúzia, existe a jornada de trabalho como **jornada de trabalho global** (*Gesamtarbeitstag*) da dúzia. A jornada de trabalho de cada indivíduo existe como parte alíquota da **jornada de trabalho global** (*Gesamtarbeitstag*), independentemente do fato dos 12 colaborarem entre si ou que toda a conexão entre seus trabalhos consista apenas em trabalharem para o mesmo capitalista. Se, ao contrário, dos 12 trabalhadores forem empregados 2 de cada vez por um pequeno mestre, será uma casualidade que cada mestre produza a mesma massa de valor e portanto realize a taxa geral de mais-valia. (MARX, 1983, p.258)

Em tais passagens, *Gesamtarbeit/er/stag* correspondem a características (determinações ontológicas) do trabalho abstrato em geral e, portanto, se referem ao que há de comum ao trabalho de

todos os assalariados, sejam eles trabalhadores manuais ou intelectuais, produtivos ou improditivos. É isso que possibilita a Marx afirmar que

O capitalista afirma seu direito como comprador, quando procura prolongar o mais possível a jornada de trabalho e transformar onde for possível uma jornada de trabalho em duas. Por outro lado, a natureza específica da mercadoria vendida implica um limite de seu consumo pelo comprador, e o trabalhador afirma seu direito como vendedor quando quer limitar a jornada de trabalho a determinada grandeza normal. Ocorre aqui, portanto, uma antinomia, direito contra direito, ambos apoiados na lei do intercâmbio de mercadorias. Entre direitos iguais decide a força. E assim a regulamentação da jornada de trabalho apresenta-se na história da produção capitalista como uma luta ao redor dos limites da jornada de trabalho — uma luta entre o **capitalista coletivo** (*Gesamtkapitalisten*), isto é, a **classe dos capitalistas** (*Klasse der Kapitalisten*), e o **trabalhador coletivo** (*Gesamtarbeiter*), ou a **classe trabalhadora** (*Arbeiterklasse*). (MARX, 1983, p.190)

Marx, nestas passagens, explora a contradição entre todos os assalariados e todos os capitalistas ao redor dos "limites da jornada de trabalho". Trata-se daquilo que Lenin chamaria, depois, de luta econômica e que não coloca em causa a exploração do homem pelo homem. Em nada alteraria se o trabalhador coletivo fosse aqui substituído por "trabalhador global", por "conjunto total dos trabalhadores" e, ainda, "pela totalidade dos assalariados". Lefebvre, por exemplo, na tradução francesa da 4a. Edição alemã optou por "trabalhador global" (MARX, 1983a, p.263).

Uma análise de todas as passagens em que as expressões *Gesamtarbeit*, *Gesamtarbeiter*, *Gesamtarbeiterstag* comparecem no Livro I de *O Capital* traria ainda mais elementos para demonstrar como possuem distintas acepções: como a totalidade dos assalariados, como o conjunto, o *quantum* da totalidade da força de trabalho e ainda como o conjunto de trabalhadores manuais que cooperam em um mesmo processo de transformação da natureza em meios de produção e de subsistência (como o exemplo, acima, dos tijolos transportados pelos pedreiros ou, ainda a totalidade composta por apenas dois trabalhadores (MARX, 1985, p.31-2)). Na primeira acepção, as expressões estão principalmente presentes nos capítulos que discutem as determinações mais gerais do assalariamento e das alienações a ele associadas; na segunda acepção tendem a comparecer nos capítulos em que Marx discute as peculiaridades da divisão do trabalho no modo de produção capitalista.

No texto de Marx, portanto, *Gesamtarbeit* e seus derivados são empregados para expressar universalidades distintas – do conjunto formado por dois trabalhadores à totalidade dos assalariados. Nem é algo confuso, nem é preciso fazer uma enorme ginástica mental para conferir a ela o conteúdo unívoco que não possui. Se tivermos claro que trabalhador coletivo e trabalhador global, ou ainda, o conjunto de trabalhadores são termos intercambiáveis praticamente em todos os casos; que a adoção de uma ou outra alternativa decorre em larga medida das preferências do tradutor – e que expressam diversas

universalidades de trabalhadores, a depender do objeto específico sob a análise de Marx – boa parte senão a maior parte das polêmicas perdem a razão de ser. Do ponto de vista estritamente exegético, nos parece uma falsa questão, a contraposição entre interpretações que afirmam a confusão destas categoriais a outras interpretações que afirmam seu conteúdo unívoco (a reunião em uma mesma classe de todos os assalariados).

Se, do ponto de vista do texto de Marx enquanto tal, a solução de uma questão que se fez aparentemente tão complexa é, como aqui estamos sugerindo, bem mais simples do que a própria questão, por que o debate acerca destas passagens tomou tal dimensão? Por que tais interpretações, claramente parciais do texto de Marx, tenderam a predominar? Por que esta falsa questão assumiu tal dimensão?

Os fundamentos históricos do problema

Como sempre ocorre com as questões teóricas decisivas, também esta que envolve *Gesamtarbeit* sofre fortes influências históricas. O pano de fundo de sua gênese é a hegemonia no movimento revolucionário internacional da social-democracia e do stalinismo.

As últimas décadas se caracterizam fundamentalmente pela convergência de duas poderosas tendências históricas. Por um lado, desde 1970 o sistema do capital entrou em sua crise estrutural. Sua incapacidade de conviver com a abundância vai se intensificando na mesma proporção em que o aumento incessante da produção nas novas condições da crise gera uma superprodução permanente que não mais pode ser superada nem mesmo pelas crises cíclicas: a crise deixou de ser um fenômeno intermitente. Correspondentemente, todas as contradições sociais, sem exceção, se intensificam em escala planetária.⁷

A crise estrutural, até agora, tem coincidido com o mais longo e o mais intenso período histórico sem revoluções, isto é, sem rupturas que abram a transição para o socialismo e o comunismo. Desde 1830, os ciclos de revolução e contrarrevolução se sucederam em períodos bem menos prolongados do que os atuais 60 anos desde a Revolução Chinesa. As últimas crises revolucionárias na Europa foram a Guerra Civil Espanhola (1936-9) e o levante grego do pós-guerra, massacrado pelas tropas inglesas com

⁷ István Mészáros, em *Para além do capital*, realizou a primeira investigação de fôlego acerca da totalidade da crise do sistema do capital após 1970 (totalidade composta pelos países capitalistas e pelas sociedades pós-revolucionárias, das quais a soviética é a paradigmática). Nesta análise argumenta as diferenças históricas – ontológicas – entre as crises anteriores e a atual crise estrutural em que estamos imersos. Não podemos, aqui, nos determos sobre tais argumentos, mas é imprescindível que lavremos nossa dívida para com este pensador.

a aquiescência da URSS. As revoluções que vieram a seguir (Cuba, Argélia, as ex-colônias portuguesas e o Zimbábue em meados de 1970, seguidos pelos sandinistas e pela "Revolução" Iraniana, isto é, a derrubada do ditador Reza Pahlevi e sua substituição pelo aiatolá Khomeini e, já na virada do século 21, a crise e o levante da população na Argentina, etc.), estão muito longe de crises revolucionárias no sentido preciso do termo, isto é, de abrirem o processo de transição para o socialismo e o comunismo.⁸

As primeiras décadas da crise estrutural, é bem mais fácil se perceber *post festum*, pegaram a classe operária em particular, e os trabalhadores em geral, em uma situação politicamente difícil. Por um lado, o neoliberalismo significa a derrota histórica da estratégia institucional-eleitoral socialdemocrata baseada na concepção segundo a qual o "capitalismo de face humana" seria a democracia burguesa levada às últimas consequências. Por outro lado, nos anos de 1989-92, a outra vertente mais importante do movimento operário, a stalinista, também conheceu uma derrota histórica. Na década de 1920, os bolcheviques, premidos pelas circunstâncias históricas, concentraram o poder do Estado em suas mãos, impondo um rigoroso centralismo político e convertendo os sindicatos em correntes de transmissão do Estado para controle dos trabalhadores. Avaliavam que a partir do poder político controlar-se-ia o renascimento inevitável (com o isolamento da revolução a um só e muito atrasado país) das relações de produções capitalistas. Tal estratégia, repetimos, também foi derrotada.

As duas vertentes estavam equivocadas no fundamental. Como é o trabalho que funda o ser social-, o trabalho proletário que funda a sociedade capitalista faz com que a "face humana" do capital apregoada pela socialdemocracia seja mera fantasia. Também não possibilita um "Estado proletário" fundado na exploração do trabalho proletário – apenas o capital pode expropriar o trabalho proletário⁹. Mais cedo ou mais tarde, as duas ilusões tinham que prestar contas à história: o Estado de Bem-Estar Social se converteu, sem solução de continuidade, no Estado neoliberal. Os partidos que foram seus principais artífices e defensores, após um curto período de aclimação, como bons serviçais do capital que sempre foram, cumpriram a segunda rodada de implementação da "nova ordem mundial" (Ronald Reagan). E o "Estado proletário" das ilusões soviéticas se converteu, por dentro, como uma borboleta que se metamorfosearia em lagarta, em um Estado capitalista típico cuja peculiaridade é a função

⁸ Uma visão oposta pode ser encontrada em Arcary, 2004.

⁹ Para sermos mais do que breves, porque a propriedade privada que pode ser produzida pelo trabalho proletário é apenas e tão somente o capital.

importante na acumulação do capital que ainda cumpre a velha burocracia russa, agora também organizada em máfias.

Os social-democratas queriam democratizar a democracia por meio de reformas parciais que, levadas ao limite, diziam, conduziriam à "face humana" do capitalismo e, deste, ao socialismo. Nada, portanto, da destruição do Estado; antes, a tomada do poder "por dentro" do Estado. A social-democracia se especializa em negociar por dentro das instituições burguesas e sua atuação política se pauta pelos limites da ordem.

Os stalinistas queriam a sobrevivência do Estado soviético. Para tanto era preciso, no *front* interno, convencer seus operários de que não eram explorados pela burocracia (dos locais de trabalho, do Partido e sindicatos e do Estado). Trabalhadores e burocratas seriam igualmente revolucionários, pois todos eram igualmente assalariados do Estado proletário. Todos os assalariados – e todos eram assalariados – pertenceriam à mesma classe social. E, no *front* externo, era preciso articular um modo de convivência com as potências capitalistas¹⁰ -- o que se traduzia em conter as lutas dos trabalhadores e operários nos limites aceitáveis à convivência pacífica, negociada, com as suas burguesias nacionais.

Convivência negociada, e não mais confronto, passa a ser a ordem geral. A estratégia do movimento operário sob controle dos PCs ou dos social-democratas é a colaboração de classe. A abolição da propriedade privada está fora da ordem do dia.

A história tem lá sua ironia. As experiências históricas que, a se acreditar no que diziam de si próprias, seriam as superações do projeto revolucionário de Marx (o "socialismo democrático" e o "socialismo real") – revelaram-se nada mais que mediações para a generalização da crise estrutural do capital a todo o planeta.

Graças também aos ganhos econômicos, principalmente da aristocracia operária nos países ocidentais¹¹ e à melhoria das condições de vida do povo soviético, as ideologias socialdemocrata e estalinista lançaram sólidas bases. Com a consequência trágica de que, com a crise estrutural se iniciar os trabalhadores soviéticos e dos países capitalistas, aos bilhões, estavam equivocadamente convencidos

¹⁰ A atuação do PC francês em 1936, quando ajuda a controlar a enorme onda grevista, já é sinal do predomínio dessa política. A análise histórica dessa evolução política é exposta em detalhes por Claudin, em seu importantíssimo *A crise do movimento comunista* (Claudin, 1970). Também, Broué, 2007 e Miliband, 1969: 102-6. As ilusões nessa convivência e o peso que tiveram naquela quadra histórica pode também ser avaliado pela adesão entusiasta a esta proposta por pensadores como G. Lukács e I. Deutscher (1960). Por muito do movimento comunista alinhado com a URSS, as loas públicas da superação da luta de classes e sua substituição pela força do exemplo na transição do capitalismo ao socialismo são patéticas.

¹¹ Ver a descrição das condições de vida dos metalúrgicos alemães no pós-guerra em KUCZYNSKI, 1969.

de que, de fato, a negociação com os representantes do capital – e não a luta contra a propriedade privada – era o caminho da revolução (e esta se limitaria à conquista de melhores condições de venda de suas forças de trabalho).

Foi assim que, tanto nas organizações socialdemocratas quanto stalinistas, com o tempo foi se afirmando a mesma necessidade teórica e ideológica: tornar o socialismo compatível com a expropriação do trabalho proletário. Ainda que por vias e por mediações ideológicas distintas, as duas ordens do capital, a soviética e a ocidental, compartilhavam da mesma necessidade ideológica de fundo: desarmar ideológica e politicamente os proletários convencendo-os de que o socialismo se realiza pelas melhorias, promovidas pelo Estado, nas condições de venda da força de trabalho. Seja pela via do Estado de Bem Estar, seja pela via do Estado Soviético. Agora, o socialismo passa a ser o capitalismo de "face humana" da Suécia ou o stalinismo do "socialismo real". O socialismo se degenerou naquilo que convinha à ordem soviética e aos socialdemocratas: tornou inteiramente distinto da – como diziam – "utopia" de Marx e Engels que propunham o fim do Estado e do mercado, das classes sociais, da família monogâmica e da propriedade privada.

É este "espírito do tempo" que alimentou a falsa polêmica acerca do trabalhador coletivo. A todos interessava argumentar que, em Marx, todos os assalariados eram igualmente portadores do projeto revolucionário. É neste "espírito do tempo" em que frutificaram as teses acerca do fim do proletariado. Elas partem de uma constatação verdadeira (a ausência, já por décadas, da classe operária como antagonista do capital) e deduzem algo inteiramente falso: que o desenvolvimento tecnológico e/ou a alteração no padrão de consumo teriam eliminado o trabalho manual e, com ele, o proletariado. (LESSA, 2007, p.252 e ss.). De uma constatação que não explicam (o proletariado hoje não comparece na vida cotidiana como classe revolucionária) rapidamente concluem pela necessidade de um "novo sujeito histórico" e de uma "nova revolução".

E é neste ambiente ideológico em que a expressão *Gesamtarbeit* (e derivados) passa a ser interpretada ou como algo confuso ou como um significado único e fixo: a fusão em uma mesma classe, a dos "trabalhadores", do trabalho manual e do intelectual e, por vezes, também do trabalho produtivo e o improdutivo.

Tanto em uma linha de interpretação, quanto na outra, – nem sempre pelas mesmas mediações teóricas, é verdade – a distinção entre proletariado e trabalhadores assalariados é eludida por essa operação. O que também significa que é eludida a distinção entre o trabalho que realiza o intercâmbio material com a natureza e o trabalho assalariado (a força de trabalho convertida em mercadoria, força de

trabalho esta que pode ou não transformar a natureza nos meios de produção ou de subsistência). A peculiaridade ontológica do trabalho, que o faz fundante do ser social, é cancelada por esse processo de identificação de todo assalariamento ao trabalho – ou, se quiserem dizer o mesmo com outras palavras, pela identificação do trabalho ao trabalho abstrato. Sabemos, depois de Marx, que a relação entre o trabalho e o trabalho abstrato não é de identidade, mas uma relação de alienação. Nesta esfera, nenhuma identidade é possível. O trabalho é a "condição natural eterna" da vida humana, o trabalho abstrato é uma peculiaridade da sociedade capitalista (a desconsiderar suas formas antediluvianas).

Nas traduções de *O Capital*, ao longo do século 20, esse novo conteúdo que vai sendo imputado às expressões *Gesamtarbeit* e *Gesamtarbeiter* cobra seu preço. Os casos mais conhecidos são o da tradução de Wenceslau Roces para o espanhol (Fondo de Cultura Económico) e o da edição portuguesa da Editora Avante!¹² Elas possuem erros comprometedores -- e, no que diz respeito ao nosso tema, equivocadamente traduzem *Arbeiter* por "obrero" e "operário", respectivamente. Isto sugere inconsistências em Marx, como por exemplo a presença de "obrerros" ou "operários" nos modos de produção pré-capitalistas¹³. Toda uma geração de brasileiros que se apoiou na tradução de Roces acabou por crer nas teses que pululam desde as décadas de 1950-60¹⁴ segundo as quais a concepção das classes sociais em *O Capital*, principalmente a categoria proletariado, seria inconsistente. Apenas com base nas traduções da Fundo de Cultura Económico e da Avante Editorial, sem o confronto com o original, surpreendente seria o contrário.

Por que Marx utilizou as expressões *Gesamtarbeit/er/stag* com conteúdos tão diversos?

Como argumentamos em outro texto (LESSA, 2007, em especial na Parte II), para Marx, tal como o trabalho primitivo funda o modo de produção primitivo, o trabalho escravo funda o modo de produção

¹² Outras obras de Marx e Engels, editadas pela Avante Editorial que temos tido a oportunidade de examinar (*A questão judaica*, a parte I de *A ideologia alemã* e os *Manuscritos de 1844*) são de excelente qualidade e fidelidade ao texto original. É uma pena que o mesmo não tenha se dado com *O Capital*.

¹³ A melhor avaliação que conhecemos das diversas traduções do Livro I – com críticas severas à tradução de Roces, é a "Advertencia del traductor" da edição da Siglo XXI, a cargo de Pedro Scaron. Esta é também, tanto quanto sabemos, a única edição que, seguindo a 4a. edição alemã, faz uma comparação com as três edições anteriores. Infelizmente tivemos acesso a esta tradução depois que a pesquisa já estava concluída.

¹⁴ Por exemplo, Gurvitch (s/d).

escravista, o trabalho do servo funda o feudalismo e, por fim o proletariado funda o modo de produção capitalista. Isto é apenas outra forma de dizer que o trabalho, o intercâmbio material com a natureza (MARX, 1983, pp. 149-50), é o fundamento ontológico do ser social. Diferente das formas pré-capitalistas de produção nas quais o trabalho assalariado raramente penetrou no intercâmbio com a natureza, no capitalismo desenvolvido o assalariamento se generalizou e não há mais, neste particular, diferenças entre o proletariado que cumpre a função fundante e os outros assalariados que cumprem outras e variadas funções. A universalização do capital requereu e possibilitou também a generalização do assalariamento. Agora, todos os assalariados são explorados pela burguesia porque, quanto menor o montante da riqueza for convertida em salários, maior a lucratividade do sistema do capital. Há, portanto, um conflito generalizado pela sociedade burguesa ao redor do valor dos salários: uma luta cujo máximo limite histórico é a conversão de todos em proprietários privados – isto é, uma luta a qual, mesmo que levada ao seu limite máximo imaginável, não é capaz de superar a propriedade privada, apenas distribuí-la menos desigualmente. É este o solo social do desenvolvimento e maturação das teses socialdemocratas.

Ainda que isto não seja falso, está longe de ser toda a realidade. Pois o trabalho que converte a natureza em meios de produção e de subsistência gera um produto que subsiste ao próprio ato de sua produção, de tal modo que ao final do processo de trabalho, a riqueza total da sociedade (Marx diria o "capital social total") foi acrescida pelo tempo de trabalho plasmado nos meios de produção e subsistência que saíram das mãos do proletário. O mesmo não ocorre com a produção de qualquer outro assalariado: seja professor no Estado, seja engenheiro de uma empresa privada, seja um comerciário ou bancário. Em todos estes casos, o que produzem é consumido no próprio ato da produção, de tal modo que ao final do processo de trabalho não há nenhuma nova riqueza – permanece apenas aquela que já sido produzida anteriormente pelo proletariado.

Por isso o trabalho proletário é fundante do modo de produção capitalista: não há qualquer riqueza na sociedade que não tenha sua origem – com todas as mediações -- no trabalho manual que transforma a natureza em meios de produção e de subsistência¹⁵. O que, para sermos mais do que breve, significa que todos os assalariados não proletários vivem da riqueza produzida pelo proletariado. E isto, sendo se

¹⁵ Proletários são os assalariados que convertem a natureza em meios de produção e de subsistência, produzindo o "conteúdo material da riqueza social" (MARX, 1983, p.46) e, portanto, que não apenas valorizam mas, também, produzem o capital. "Por proletário só se deve entender economicamente o assalariado que produz e valoriza o capital..." (MARX, 1985, p. 188 n.70).

possível ainda mais breve, não cancela, apenas insere em seu contexto, a contradição entre o conjunto dos assalariados e a burguesia ao redor do valor dos salários.

Uma outra diferenciação entre os assalariados torna a relação destes com a burguesia muito mais complexa do que no passado pré-capitalista: o fato de o capital ser uma forma de propriedade privada que também pode se valorizar pela concentração da riqueza que já existe sob a forma de dinheiro em posse das pessoas, faz com que os capitalistas possam se enriquecer também pela exploração de trabalhadores que não são proletários. A burguesia logo se deu conta que uma parte dos salários não lhe dá lucros, são parte dos custos de seu negócio. Outros salários, ao contrário, dão lucros. Quanto menos contadores e vigilantes e quanto mais sapateiros, por exemplo, um capitalista puder contratar, maior será a lucratividade. Marx, fazendo a crítica da economia política, precisou do que se tratava: o trabalho produtivo de mais-valia se distingue daquele que não produz mais-valia. O trabalho produtivo e o improdutivo são, portanto, em Marx, variações do trabalho assalariado, do trabalho abstrato.

No terceiro parágrafo do Capítulo XIV, o exemplo de Marx de um trabalhador produtivo que não realiza o intercâmbio material com a natureza é o professor da escola privada. A mercadoria que ele produz (horas-aula) é vendida aos pais dos alunos por um valor maior do que o salário dos professores. A exploração deste trabalhador, portanto, é mediada pela mais-valia. Contudo, o que os pais dos alunos pagam ao dono da escola é idêntico à soma do valor dos salários, com os custos das escolas e com a mais-valia expropriado pelo burguês. O capital social total não se acresceu de um átomo sequer; em outras palavras, esta mais-valia produzida pelo professor requer que a riqueza produzida pelo proletariado já tenha se esparramado pela sociedade (o que não quer dizer que tenha sido distribuído equitativamente).

Uma vez mais fazendo curta uma longa história – e, novamente remetendo o leitor interessado ao nosso texto já mencionado – o trabalho produtivo não é determinante das classes sociais. Ele está presente em funções muito distintas (transformar a natureza ou prestar serviços, como o professor) na reprodução da sociedade e, também –, pois, aqui, não há identidade – do capital. Tanto o proletário quanto o professor na escola privada são produtivos de mais-valia; contudo, apenas o primeiro produz o "conteúdo material da riqueza social" (MARX, 1983 p. 46).

Nesta medida e sentido, enquanto assalariados os proletários compartilhariam com os demais vendedores da força de trabalho todas as mazelas peculiares ao trabalho abstrato – menos uma: é a única classe que não se reproduz pela exploração de qualquer outra. Os assalariados não proletários, por sua vez, compartilhariam com a burguesia o fato de se reproduzirem socialmente parasitando o proletariado.

Por isso, entre o proletariado e a burguesia temos uma contradição antagônica envolvendo o próprio assalariamento. O que, já mencionamos, não cancela o fato de que, ao lado deste antagonismo, entre a burguesia e os assalariados não proletários se desdobra uma contradição centrada ao redor da divisão da riqueza expropriada do proletariado ao redor dos "limites da jornada de trabalho". O proletariado é, para Marx, o sujeito revolucionário por excelência por ser a única classe que não tem por fundamento a exploração de nenhuma outra¹⁶

É aqui que o terreno pantanoso vai ser constituído: na polêmica, os que desejam postular que, para Marx, todos os assalariados seriam igualmente revolucionários, "esquecem-se" das passagens em que a oposição como "inimigos" de classe do trabalho manual ao trabalho intelectual é afirmada e reafirmada; consideram apenas as passagens em que *Gesamtarbeit/er/stag* expressam a totalidade dos assalariados. E, na medida em que as interpretações não raramente desconsideram o original alemão, são alvos mais fáceis de um certo espírito do tempo que foi se constituindo ao longo do século 20: ser proletário e ser assalariado vão se aproximando até serem sinônimos – como se a luta ao redor dos "limites da jornada de trabalho" e a luta pelo fim da exploração do homem pelo homem pudessem ser equivalentes.

Todas as variantes destas duas linhas de interpretação (a que afirma a imprecisão e a outra que afirma a precisão de trabalhador coletivo) são muito problemáticas. Todas elas, sempre, precisam selecionar algumas e desconsiderar outras passagens do Livro I; não dão conta de integrar em uma interpretação coerente a totalidade das passagens em que Marx trata do trabalhador coletivo. Outras vezes conferem, a passagens escolhidas dos vários manuscritos de Marx, a mesma importância que atribuem ao seu texto acabado, gerando graves problemas de interpretação¹⁷. E, todas elas, precisam se basear em uma ou outra tradução – desconsiderando o original alemão.

Tanto quanto consigo entender, essa variação no conteúdo das expressões *Gesamtarbeit*, *Gesamtarbeiter*, *Gesamtarbeiterstag* não era problemática para Marx porque, para ele, seria inconcebível fundir ou imbricar em uma mesma classe social todos os assalariados. Foi a evolução do stalinismo e da social-democracia que gerou uma forte necessidade ideológica de cancelar a peculiaridade de classe do proletariado fundindo, ou imbricando, o trabalhador manual ao intelectual. Nada, todavia, no texto de

¹⁶ O que não quer dizer que o proletariado possa ser vitorioso em sua revolução sem que conquiste para ela setores muito significativos dos assalariados não proletários, mas não temos espaço aqui para discorrer sobre este aspecto do problema.

¹⁷ Cf. "Prefácio" in LESSA, 2007.

Marx, indica ser o "trabalhador coletivo" a expressão da dissolução do proletariado entre os assalariados. A, portanto, tão frequente recorrência ao argumento de autoridade segundo o qual Marx teria concebido o "trabalhador coletivo" como superador da distinção entre o proletariado e os demais assalariados – ou como uma categoria confusa que torna imprecisa as determinações de classe do proletariado – não passa de um equívoco com um endereço ideológico preciso: retirar da proposta marxiana da revolução comunista o seu sujeito, o proletariado. Com todas as consequências, por demais conhecidas.

Bibliografia

- ARCARY, V. *As esquinas perigosas da história*. Ed. Xamã, S. Paulo, 2004.
- BELLEVILLE, P. *Une Nouvelle Classe Ouvrière*. Rene Julliard, Paris, 1963.
- BERNARDO, J. *Marx crítico de Marx*. Ed. Afrontamento, Porto, vol I 1997a, vol 2 1997b, vol 3.1977c.
- BROUÉ, P. *A história da Internacional Comunista*. Ed.Sundermann, 2007.
- CLAUDIN, F. *La crisis del movimiento comunista*. Ruedo Ibérico, Paris, 1970.
- DEUTSCHER, I. *The Great Contest*, Oxford University Press, 1960.
- GURVITCH, G. *El concepto de clases sociales de Marx a nuestros dias*. Ed. Nueva Vision, B. Aires, s/d.
- HARVEY, D. *A companion to Marx's Capital*. Verso, Londres, Nova Iorque, 2010.
- HIRATA, H. *Nova divisão social do trabalho?* Boitempo, São Paulo, 2002.
- KUCZYNSKI, J. "Karl Marx et la analyse scientifique de la condition des travailleurs", *in Marx and contemporary scientific thought*. International Council for Philosophy and Humanistic Studies, Ed. Mouton, Paris e Haia, 1969.
- LESSA, S. *Mundo dos Homens*. Boitempo, São Paulo, 2002.
- LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. Ed. Cortez, São Paulo, 2007.
- MALLET, S. *La nouvelle classe ouvrière*, Éditions du Seuil, Paris, 1963.
- MARX, K. *Le Capital*. Trad. J. Molitor. Tome I-IV. Alfred Costes, Éditeur, Paris, 1946.
- MARX, K. *El Capital*. Trad. Wenceslau Roces. Fondo de Cultura Económica. D.F., México, 1946a.

MARX, K. *Ouvres – économie II*. Edição de Maxmilien Rubel. Bibliothèque de la Pléiade, Ed. Galimard, Paris, 1968.

MARX, K. *Das Kapital*. Ester Band, Dietz Verlag, Berlin, 1975.

MARX, K. *Le Capital*. Éditions Sociales. Paris, Tome I, 1978; Tome II, 1977.

MARX, K. *Le Capital*. Primeira tradução para o francês. Éditions Sociale, Paris, 1977a, primeiro tomo e 1977b, segundo.

MARX, K. *Salário, preço e lucro*. Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1978.

MARX, K. *Capital*. Vol I, International Publishers, New York, 1979.

Marx, K. *O Capital*. Vol I, Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1983, Tomo I, 1985, Tomo II.

MARX, K. *Le Capital*. Tradução francesa da 4ª edição alemã. A cargo de J.-P. Lefbvre. Messidor/Éditions Sociales, Paris, 1983a.

MARX, K. *Capital*. Trad. Ben Fowkes. Penguin Classics, Londres, 1990.

MILIBAND, R. *The State in capitalist society- an analysis of Western system of power*. Weidenfeld and Nicolson, Londres, 1969.

NAGEL, J. (1979) *Trabalho colectivo e trabalho improdutivo na evolução do pensamento marxista*. Lisboa, Ed. Prelo.

Gesamtarbeit e derivados em O Capital									
	M arx, 1975	Ma rx, 1979	M arx, 1990	Mar x, 1968	Mar x, 1946	Mar x, 1983a	Marx, 1983, 1985	Marx , 1977-8	M arx, 1946a
1	V erhält- nis der Produz	Th e relation of the	T he sum total	Anot ando que falta uma frase do	Le rapport social qui lie	Du rapport social des	também reflete a relação	Les rapports des producteu	T rabajo coletiv o (37)

	enten zur Gesam t-arbeit (86).	produce rs to the sum total of their own labour (72)	of labour (165)	alemão na trad de Roy, traduz assim, na pg. 606/nota 1 (p. 1639): le rapport social de producte urs au travaille collectif comme un rapport social qi existe em dehors d'eux.	les producte urs au travail total (Tome I:56)	producte urs au travail global(8 2)	social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. (I:71)	rs, dans lequels s' affirment les caractères sociaux de leurs travaux, acquièrent la forme d'un rapport social des produits du travail (I:84-5)	
2	D er Kompl ex dieser privata rbeiten bildet die	Th e sum total of the labour of all the private individu	T he aggreg ate labour of societ y(165) – ver	L'en semble de ces travaux privés forme le travail social.(60 6)	L'e nsemble de ces travaux privés forme le travail social.(T ome	Tra vail social global/ travail social global (83)	O complexo desses trabalhos privados forma o trabalho social total. (...)	L'ens emble de ces travaux privés (...) forme le travail social. /.../ travail	T rabaja dor coletiv o de la socioed ad (38) – ver

	gesells chaftlic he Gesam tarbeit /.../ gesells chaftlic hen Gesam tarbeit (87)	als forms the aggrega te labour of society /.../ as part of the labour of society (73)	segun do	/divisions du travail social (607)	I:57)/de l'ensem ble du travail social(T ome I:57)		Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores . (I:71)	social. (I:85)	segun do
3	Gl ieder derGes	As part and parcel of the	A n eleme nt of	Com me parties	Co mme chaînes du	Co mme branches du	Traba lho total/ caráter	Trava il general/ a leur caractère	D entro del trabajo

	amtarbeit/ gemein samen Charakter (87-8)	colective labour of all / their common denominator (73)	the total labour (166)	intégrant es du travail général/ a leur caractère commun (607)	travail total/ caractère commun (Tome I:58)	travail global/ caractère commun (84)	comum (I:72)	commum (I:85-6)	collectivo de la sociedade (39)
4	Gesellschaftliche Gesamtarbeit (90)	Collective labour of the society (76)	The collective labour of the society (168)	L'ensemble du travail social (610)	Travail social total (Tome I:62)	Travail social global (87)	equivalente geral, a relação dos seus trabalhos privados com o trabalho social total (I:73)		Trabajo social colectivo (41)
5	Gesamtarbeitszeit (122)	Of the total labour of the community (107)	Of the total social labour-time (202)	Trop grand partie du travail social (646)	Trop grand partie du travail social (tome I:105)	Trop grand partie du travail social (122)	isso comprova que foi despendida a parte excessiva do tempo de trabalho	Travail social (I:116)	Del tiempo total de trabajo de la sociedad

							social total em forma de tecelagem de linho.(I:96)		ad. (68)
6	G esamtk apitalis ten/ Klasse der Kapist aliten Gesam tarbeite r/ Arbeite rklasse (249)	Col lective capital /the class of capitalis ts/ collecti ve labour/ the working class (235)	C ollecti ve capital /the class of capital ists/ collect ive labour / the worki ng class (344)	Le capitalist e, c'est-à- dire la classe capitalist e et le travailleu r, c'est-à- dire la classe ouvrière (791)	Le capitalist e total, cest-à- dire la classe capitalist e, et l'ouvrier total, c'est-à- dire, la casse ouvrière. (tomeII: 84)	Le capitalist e global, c'est-à- dire la classe des capitalist es, et le travaille ur global, ou la classe ouvrière (262)	Capit alista coletivo/ classe dos capitaistas/ trabalhado r coletivo/ classe trabalhado ra (I:190)	Le capitaliste s, c'est-à- dire La classe capitaliste et le travaielleu r, c'est-à- dire la classe ouvrière. (I:231)	El capital ista univer sal/ la classe capital ista/ obrero univer sal/ la classe obrera (180)
7	G esamta rbeitsta g (331)	Tot al working - day (312)	T otal worki ng day (429)	La journée entière (849)	La journée total (Tome II: 168)	La journée globale de travail (352)	A jornada de trabalho total (I:249)	Le journée entière (II:7)	L a jornad a de trabajo

									total (250)
8	G esamta rbeitsta g (332- 3)	Tot al working day (313)	T otal worki ng- day (430)	La journée entière (850)	Jour née totale (Tome II: 197)	Du temps de travail globale (353)	A grandeza do mais- trabalho obtém-se, porém, subtraindo da jornada de trabalho total o tempo de trabalho necessário. (I:250)	Le journée entière (II:8)	L a jornad a total (251)
9	G esamta rbeitsta g(s) – 5 vezes no mesmo parágrafo fo (341-2)	Col lective working - day/coll ective working - day/coll ective working -day/the working	C ollecti ve worki ng day/co llectiv e worki ng day/co llectiv e	jour née de travail social/ journée collectif/j ournée collectif/(861)	Jour née totale/ journée de travail social moyen/j ournée total/jou rnée totale/ journée	Jour née de travail globale/ journée de travail globale/ journée de travail globale/ journée	Jorna da total de trabalho/jo rnada global/jorn ada global/jorn ada de trabalho global/jorn ada de trabalho	Une journée de travail social/não tem a segunda/ journée coollectiv e/ journée collective (II: 16-17)	Jo rnada total de trabajo /jorna da total/j ornada total de trabajo /jorna

		-day is that of the whole dozen/collective working-day / (323)	working day/the working day is that of the whole dozen/collective working day (440-1)		totale/ (211)	de travail globale/journée de travail globale(365)	global (I:258)		da total de los 12 obreros empleados/jornada total (260)
10	G esamta rbeiters / der kombi nierte Arbeits r oder Gesam tarbeits r/ gemein samer Arbeit (346)	Col lective labour/2 4 hands of the row of men/col lective working -day / labour in commo n (327)	Collec tive labour /24 hands of the row of men/c ollecti ve worki ng day(4 44-5)	Trav ail colletif/ travailleur collectif/ travailleur collectif/ (865)	Tra vail total/ ouvrier total/ouv rier colletif ou l'ouvrier total (tomo II: 26-7)	Tra vail global// travailleur global/jo urnée de travail combiné e/ travailleur combiné ou travailleur	Traba lhador global/ trabalhado r coletivo/ trabalhado r combinado / trabalhado r coletivo/tr abalhador coletivo (I:260-1)	Force / travail collectif / não tem trabalhado r combinad o, apenas o travailleur collectif (II:19-20)	T rabajo colecti vo/una jornada combi nada de trabajo de 144 horas/ el obrero combi

						ur global (368)			nado o el trajado r collect ivo (263)
11	K ombini erte Gesam tarbeite r (359)	Col lective labourer (339)	C ollecti ve worke r (458)	Trav ailleur collectif (879)	l'ou vrier collectif (Tome II:233)	Tra vailleur global combiné (381)	Traba lhador coletivo combinado , que constitui o mecanism o vivo da manufatur a, (I:269)	Le mécanism e vivant de la manufactu re, le travailleur collectif (tomo II- 30)	El obrero total (274)
12	D etailarb eiten kombi nierte Gesam tarbeite r (365)	Th e collecti ve labourer (344)	C ollecti ve worke r (464)	Le travailleur collectif, (885)	L'ouvrie r collectif, composé de tous les ouvriers de détail (tome II:241)	Le travaille ur global, constitué par la combina ison des travaille urs de détail (387)	O trabalhado r coletivo, formado pela combinaça o de trabalhado res detalhistas (I:272)	Le travailleur collectif (II:35)	El obrero colecti vo, forma do or la combi nación de obrero detalli

									stas (279)
13	G esellsc haftlic hen Gesam tarbeite rs (366)	So cial collecti ve labourer (346)	S ociety' s colecti ve woker (465)	Trav ailleur collectif (886)	L'o uvrier collectif social (tome II: 243)	Tra vailleur social global (389)	Traba lhador coletivo social (273)	Le travailler collectif (II:35)	O brero collect ivo total (281)
14	Vi elen teilarbe iten kombi nierte Gesam tarbeite r/ Gesam tarbeite r/ Gesam tarbeite rs 369- 70	Th e collecti ve labourer , formed by the combin ation of a number of detail labourer s/collect ive labourer / collecti ve	T he collect iver worke r, forme d out of the combi nation of a numbe r of indivi dual specia lized worke rs/ collect	Trav ailleur collectif, formé par la combinas ion d'un grand nombre d'ouvriers parcelaire s/ travailler u collectif/ travailleu r collectif (890)	l'ou vrier collectif lui- même, composé de beaucoup p d'ouvrier s parcellai res/ ouvrier collectif (tome II: 247)	Le travaille ur globale lui- même, constitué par la combina sion d'un grand nombre de travaille urs partiels/ travaille ur global/tr availleur	Traba lhador coletivo, combinaçã o de muitos trabalhado res parciais / trabalhado r coletivo/ trabalhado r coletivo (I:275-6)	Trava illeur collectif/ ouvriers parcellaire s / Travailleu r collectif / Travailleu r collectif (II: 39)	El mismo obrero colecti vo rproduc to ee la combi nación de mucho s obrero s parcial es/orer o colecti vo/obr ero colecti

		labourer (348-9)	ivee worke rs/coll ective worke r (468- 9)			global/ (392)			vo (283)
15	G esamta rbeiters (370)	Col lective labourer (349)	C ollecti ve worke r (469)	Trav ailleur collectif (890-1)	L'o uvrier collectif (tome II: 248)	trav ailleur global/(3 93)	Traba lhador coletivo (276)	Trava illeur collectif (II:40)	O brero coletiv o (284)
16	G esamta rbeiters (383)	Col lective labourer (361)	C ollecti ve worke r (483)	Trav ailleur collectif (905)	L'o uvrier collectif (tomo II 265)	Tra vailleur global (407)	Traba lhador coletivo (I:284)	Trava illeur collectif (II:50)	O brero colecti vo (294)
17	G esamta rbeit der zwei Arbeite r (429- 30)	Tot al labour of two men (407)	T otal labour (531)	Trav ail total (947)	Tra vail total (tomo III:60)	Tra vail global des deux ouvriers (457)	O trabalho global de dois trabalhado res (II:31- 2)	Trava il total de deux ouvriers (II:90)	T rabajo total (335)
18	di e Zusam menset zung	in the compos ition of the	T he compo sition of the	La compositi on de travailleu r collectif	La composi tion de l'ouvrier collectiv	La composi tion de personel , qu'elle	a composiçã o do trabalhado r coletivo	La compositi on de travailleu r collectif	C ompos icion del obrero

	des Gesem tarbeite rs oder der kombi nierten Arbeits person als (485)	collecti ve labourer , a change of the persons working in combin ation (461)	collect ive labour er or, in other words, the combi ned worki ng person nel (590)	ou du personnel de travail combiné (981)	e ou dyu personne l ouvrier combiné (tomo III :137)	repose sur le travaille ur global ou sur la combina ission du travail (518)	ou do pessoal de trabalho combinado (II:71)	ou dès personnel de travail combiné (II:141)	total o del person al obrero combi nado (385)
19	K ombini erte Gesam tarbeite r oder gesells chaftlic he Arbeits körper (442)	Th e collecti ve labourer , or social body of labour (419)	T he combi ned collect ive labour (544)	Trav ailleur collectif ou le corps de travail social (952)	L'o uvrier collectif ou le corps de travail social (tomo III: 75)	Le travaiell uer collectf combiné , le corps social de travail (470)	Traba lhador coletivo combinado ou corpo social de trabalho (II:40)	le travailleur collectif ou Le corps de travail social (II:102)	El obrero total combi nado, el cuerpo social del trabajo (347)
0	G esamta	Col lective	C ollecti ve labour	Trav ailleur	Ouv rier	Tra vailleur	Traba lhador	Trava illeur	O brero colecti

	rbeiters (531)	labourer (508)	er (643)	collectif (__)	collectif (__)	global (570)	coletivo (II:105)	productif (183)	vo(42 5)
21	G esamta rbeitsta g (549)	Th e whole working -day (526)	W hole worki ng day (663)	Não tem no Rubel	Jour née total de travail (220)	La journée de travail globale (589)	Jorna da de trabalho total (II:118)	Não há em Roy	Jo rnada total de trabajo (440)
22	G esamta rbeitsta gs (562)	Th e whole working - day(539)	T he whole worki ng day (680)	Não tem no Rubel	Le valeur de la force de travail fonction nant 12 heurs (239)	forc e de travail fonction nant pendant 12 heurs (603)	Jorna da total de trabalho(II : 130)	Não há em Roy	Jo rnada total de trabajo (453)